



Fernando Bomfim, o ex-testa-de-ferro de Amazonino: "É verdade que os filhos de Rosenski não honraram dívidas"

Mandante não foi descoberto

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Samek Rosenski, dono da relógios Cosmos, cuja indústria estava estabelecida em Manaus, foi misteriosamente morto em 1993 com uma bala calibre 45 disparada com silenciador num cruzamento da elegante região dos Jardins, em São Paulo. O crime aconteceu às 20 horas, mas somente 120 minutos depois é que a Polícia Civil chegou ao local do crime.

Armando Mendes, filho do governador Amazonino Mendes, disse na gravação que sua segurança foi o primeiro a chegar no local. Lá, segundo ele, abriu a agenda eletrônica Casio, modelo SF 7500, de Rosenski onde constavam o nome do governador do Amazonas e o seu. O auxiliar telefonou para Armando na Europa e o informou a respeito do assassinato.

"Fizemos um levantamento sobre a agenda. Nenhuma das pessoas citadas pode colaborar no esclarecimento do episódio", disse o delegado Jurandir Côrrea, diretor da Divisão de Homicídios da Polícia Civil, responsável pelas investigações do assassinato ocorrido no dia 19 de março.

Rosenski dirigia uma chamativa Ford Explorer marrom, placa GM 1225, de Manaus. O carro pertencia à Sabena S/A, uma das companhias do empresário, que fabricava seringas descartáveis na capital amazonense.

Carlos Alberto Gomes da Silva, delegado titular de Guariba, interior de São Paulo, estava de plantão

naquela noite. Ele chefiava a equipe "P" do departamento de Homicídios. Foi incumbido pelos superiores a dirigir os trabalhos da polícia civil no local.

"Nunca fizemos nenhuma conexão do caso com outras pessoas estabelecidas em regiões distantes do país, como o Amazonas. Admito que duas horas era tempo mais que suficiente para alguém mexer no veículo do senhor Rosenski. É até possível que alguém tenha tido acesso à agenda. Telefones poderiam ter sido apagados. Porém, seria mais provável que o eventual in-

dizer se isso ocorreu e para quem esta pessoa prestava serviços", afirmou Silva.

Quatro anos se passaram, quatro pessoas foram condenadas a 14 anos de prisão. Mas ainda ninguém sabe quem ordenou o homicídio e porquê. As rápidas apurações da Polícia Civil culminaram na condenação do mecânico Luis Fernando Barboza, do ex-policia José Nazareth e de seu sobrinho Henrique Pinto. Também foi julgado culpado Samuel Wolfsdorf, diretor da seção de pulseiras da Cosmos, funcionário de Rosenski e responsável pela contratação do trio por US\$ 10 mil.

"Wolfsdorf foi um ex-prisioneiro de campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, bem como sua vítima. Passou por muitos

"NUNCA FIZEMOS NENHUMA CONEXÃO DO CASO COM OUTRAS PESSOAS ESTABELECIDAS EM REGIÕES DISTANTES DO PAÍS, COMO O AMAZONAS

Carlos Alberto Gomes, delegado titular de Guariba

interessado nisso roubasse o instrumento. Chamaria a atenção insistir na procura de números próximo a curiosos", disse.

O delegado também não descarta a possibilidade de que algum policial que esteve no local do crime fosse o segurança citado na gravação de Armando Mendes. "Havia gente de tudo que era lado. Há chances de que algum dos policiais presentes, e que não estivesse atuando oficialmente no caso, trabalhasse esporadicamente na proteção de alguém. Mas é muito difícil

sofrimentos. Ele sempre disse que era inocente. Nunca revelou quem o mandou organizar a equipe que matou o senhor Rosenski. É o dono do elo perdido", comentou Corrêa.

Uma denúncia anônima levou a Polícia à casa da amante de José Nazareth para encontrar provas do crime. "A moça conhecia toda a estória em detalhes. O Nazareth chegou em sua residência logo após o assassinato e contou todos os detalhes. Estava nervosíssimo. Chegamos aos integrantes do grupo imediatamente", afirmou o delegado Côrrea.